

CONVERSANDO COM IAN HACKING

*Anna Carolina K. P. Regner**

Ian Hacking é um dos referenciais no panorama filosófico contemporâneo, com uma contribuição que, com certeza, o ultrapassará no tempo. Tivemos o imenso prazer de contar com sua participação em conferência e mesas-redondas no simpósio internacional “Ciência e Tecnologia: explorando novas dimensões conceituais”, que teve lugar na UFRGS, de 27 a 30 de outubro de 1999, coordenado pelo Grupo Interdisciplinar em Filosofia e História das Ciências, que publica *Episteme*. Colhemos então a oportunidade para entrevistá-lo, em uma conversa que começou no *Brique da Redenção*, em Porto Alegre, dia 31 de outubro, e se estendeu, eletronicamente, até fins de fevereiro de 2000.

Compartilhamos com nossos leitores a satisfação de conhecer um pouco mais de Ian Hacking. De sua longa lista de trabalhos, impossível de ser aqui enumerada, deixemos que ele mesmo faça os devidos destaques. Embora recuse ser rotulado de historiador ou filósofo da ciência – aliás, recusar rótulos a favor de cuidadosas análises tem sido uma característica de seu pensamento – marcou definitivamente o que se faz nessas áreas. Está à frente das discussões que trouxeram um novo enfoque à reflexão filosófica sobre a ciência neste fim de século. A título de exemplo, veja-se que toda a problemática referente à relação teoria-experiência e questões gravitantes em torno dessa relação ganharam uma nova e decisiva dimensão com seu *Representing and Intervening*. Agora, seu *The Social Construction of What?* traz uma detida análise de tema que recheia boa parte da literatura contemporânea na área, fugindo ao desgastado eixo da polêmica Sokal-Latour.

A par de seus trabalhos sobre questões bastante afeitas às chamadas ciências naturais, sobressai seu interesse ‘humanista’ sobre o modo como classificamos as pessoas e o efeito nelas produzido por nossas classificações. A fora as contribuições daí advindas para áreas das chamadas ciências humanas, como em *Rewriting the Soul* e *Mad Travelers*, o interesse filosófico de sua obra é mais abrangente. A usar sua própria expressão, tem a ver com reflexões sobre a natureza humana, enquanto moldada por nossas classificações e pelo seu impacto sobre nós – o que só pode aumentar no próximo século. Podemos acrescer que suas reflexões igualmente nos levam a rever distinções epistemológicas tradicionais relacionadas a critérios classificatórios e sua aplicação, repercutindo, inclusive, nas usuais distinções entre ciências naturais e sociais. A relevância e o prazer da leitura e conversa com Hacking residem, em boa parte, na sua capacidade de conjugar a preocupação e vividez

*Departamento de Filosofia do IFCH/UFRGS e do PPG em Psicologia Social e Institucional/UFRGS. Coordenadora do GIFHC do ILEA/UFRGS, Brasil. E-mail: aregner@portoweb.com.br

contextual com uma reflexão cujos resultados não se esgotam no imediato. Como ele próprio o diz, embora escreva peças ocasionais, as escreve não para curto, mas para médio prazo. Mas, além disso, gostaríamos que nossa entrevista também passasse ao leitor algo da estatura de Ian Hacking como pessoa. Aprendemos não só de seus pensamentos, mas de seu exemplo como um pensador profundamente ‘humano’.

Anna Carolina – *Quem é Ian Hacking? Hacking falando de Hacking ...*

Ian Hacking – Ian Hacking nasceu em 1936, em Vancouver, Canadá. Obteve o B.A. (grau de Bacharel em Artes) em matemática e física, pela University of British Columbia, em 1956. O B.A. em *Moral Sciences* pela Cambridge University, em 1958. O Doutorado em Filosofia pela Cambridge University, em 1962. Lecionou na University of British Columbia, na Makerere University College, em Uganda, na Cambridge University e na University of Toronto. Foi recentemente eleito para uma cadeira no Collège de France. Seus livros incluem *Logic of Statistical Inference* (1965), *Why Does Language Matter to Philosophy?* (1975),* *The Emergence of Probability* (1975), *Representing and Intervening* (1983), *The Taming of Chance* (1990), *Le Plus pur nominalisme* (1993), *Rewriting the Soul* (1995), *Mad Travelers* (1998), *The Social Construction of What?* (1999).

Anna Carolina – *Na sua visão, quais são as questões filosóficas mais importantes hoje?*

Ian Hacking – Realmente, não tenho visões em ‘abstrato’ sobre as questões filosóficas mais importantes hoje. Poderia alguém dizer, quando Wittgenstein estava compondo as *Philosophical Investigations*,** quais eram as questões filosóficas mais importantes àquele tempo? Apesar disso, sinto grande satisfação em indicá-las (refere-se às *Investigações Filosóficas*) como a contribuição filosófica mais importante daqueles dias, ou, mesmo, do século. Posso falar sobre temas a respeito dos quais tenho pensado nos últimos dez anos e que continuarão a ocupar-me – por exemplo, sobre o modo como classificamos as pessoas e o efeito que isso produz nelas. Mas ninguém, nem mesmo eu, diria que essa é uma questão filosófica central, hoje. Penso que seja importante porque nosso conhecimento das pessoas, freqüentemente expresso em nossas classificações, tem um enorme efeito sobre nós e isso pode apenas aumentar no próximo século. Assim, a minha questão está profundamente relacionada com o que uma vez se chamou de natureza humana, exceto por admitir que nossas naturezas são moldadas pelos nossos conceitos. É uma atitude altamente existencialista – nós não nascemos com essências, mas as formamos no mundo social.

Anna Carolina – *Apesar de você dizer que não é um filósofo da ciência, você é um dos maiores referenciais nessa área. Por que a linguagem interessa à filosofia?, bem como Representing and Intervening, e, agora, The Social Construction of What? são marcos para as discussões em Filosofia da Ciência. Como você vê as relações entre seu trabalho e a Filosofia da Ciência?*

*Por que a linguagem interessa à filosofia? São Paulo: UNESP, 1999.

**Investigações Filosóficas.

Ian Hacking – A sua pergunta lembra-me que eu disse não gostar de ser cunhado como ‘filósofo da ciência’. Penso de mim como sendo um filósofo. Vejamos se essa é uma boa auto-imagem. Nunca tive um treinamento formal em Filosofia da Ciência, embora tenha frequentado as aulas de R. B. Braithwaite. Minha tese doutoral consistiu de duas partes separadas, a prova de um teorema em lógica modal e um trabalho derivado de *Remarks on the Foundations of Mathematics*, de Wittgenstein. Penso que um dos meus artigos mais interessantes é ‘What is Logic?’ (*Journal of Philosophy*, 1981), reimpresso como o último de uma coleção de artigos introdutórios para estudantes de filosofia da lógica e como o primeiro artigo noutra coleção destinada a estudantes avançados de pós-graduação. Esse é, exatamente, o lugar adequado para esse artigo, acessível a alunos de graduação interessados, mas também útil ao especialista. Isso acontece porque, bem, é um trabalho de filosofia.

Mas três livros sobre probabilidade! Isso não prova que sou um filósofo da ciência? Todavia, quando escrevi *Logic of Statistical Inference*, o tópico estava recém vindo à tona como parte da ‘filosofia da ciência’: um artigo meu fora o primeiro artigo sobre inferência estatística a aparecer no *British Journal for the Philosophy of Science* ou no *Philosophy of Science*. Hoje há uma quantidade enorme deles, mas não faço exatamente parte de um ramo bem estabelecido de Filosofia da Ciência; auxílio, junto com vários outros, a estabelecê-lo. Os outros dois livros, *Emergence e Taming* não contam presentemente como filosofia da ciência ‘profissional’; algumas pessoas os colocam na história, mas eles também não pertencem a esse ramo. Se eles forem qualquer coisa, serão ‘arqueologia’ no sentido de Michel Foucault, parte de um projeto que ele chamou ‘História do Presente’.

Why Does Language Matter to Philosophy? (Por que a linguagem interessa à filosofia?) não é filosofia da ciência, mas filosofia da linguagem. *Representing and Intervening* é o único livro situado na vertente dominante de Filosofia da Ciência que escrevi, mas observe que a contribuição principal (*Intervindo*) não pertencia a essa vertente quando o livro foi publicado. Ele auxiliou a inaugurar o estudo sério da ciência experimental, hoje uma indústria florescente. Os dois livros sobre a loucura são, talvez, contribuições à filosofia da psiquiatria, mas, comumente, não são considerados como contribuições à Filosofia da Ciência. *The Social Construction of What?* dedica seu terceiro capítulo a questões correntes sobre o construcionismo social nas ciências, mas é o único dos quatro capítulos centrais a fazê-lo. Os capítulos adicionais, principalmente o novo Capítulo 8 – sobre ‘pedras’ –, aumentam a proporção de filosofia da ciência no livro. Mas todo o livro é um comentário, não uma contribuição primária.

Algo que está mais próximo a uma contribuição direta é o meu artigo ‘The Disunities of the Sciences’ publicado em *The Disunity of Science*, editado por Peter Galison e David Stump (1996). Diga-se, de passagem, que nesse artigo eu exortei a que revertêssemos à denominação original, usada por William Whewell em 1840, no início do primeiro livro da filosofia moderna dedicado à ciência. Ele regularmente escreve sobre ‘a filosofia das ciências’ – no plural.

Assim, penso que o fato de ter escrito alguns livros e uns poucos artigos que se situam na filosofia das ciências, como concebida pelos ‘profissionais’, mostra apenas que eu sou um filósofo. *Rewriting the Soul* não foi resenhado em nenhuma revista de filosofia da ciência. Duvido que *Mad Travelers* tampouco o seja – apesar disso, foi-lhe dedicado bastante espaço e resenhas muito generosas em revistas de interesse geral como *The New York Review of Books*, *The London Review of Books* e *The Times Literary Supplement*. De fato, penso que os editores de New York e London *Reviews of Books* apanham muito melhor quem eu sou do que os filósofos. Publiquei 15 longos textos no *New York Review* e nenhum dos livros que discuti foi, tanto quanto o sei, resenhado em revistas de filosofia da ciência. E apenas dois de meus 15 textos no *London Review* examinaram livros examinados em jornais de filosofia da ciência. *Os editores contrataram-me como filósofo, não como ‘filósofo da ciência’* (destacado pelo entrevistado).

Para concluir, você pergunta: ‘Como você vê as relações entre seu trabalho e a Filosofia da Ciência?’ Fiz uma contribuição maior, *Representing and Intervening*. Fiz uma contribuição importante, *Logic of Statistical Inference* e, de tempos em tempos, escrevo ensaios que, espero, contribuam à área.

Anna Carolina – *Se você escrevesse Why Does Language Matter to Philosophy? e Representing and Intervening hoje, você lhes modificaria alguma coisa?*

Ian Hacking – Se eu escrevesse *Why Does Language Matter to Philosophy? e Representing and Intervening* hoje, modificaria eu alguma coisa neles? Essa pergunta pressupõe que faria sentido escrevê-los hoje. Não faria sentido. *Why?* É a versão escrita de palestras dadas em um dado momento, quando eu tinha algo a dizer naquele momento. Diferentemente da maioria das peças ocasionais, continua a ser interessante aos jovens que a pegam pela primeira vez. Penso que seja, em um sentido que não entendo, um *livro jovem* (destacado pelo entrevistado). Estou muito feliz que esteja aparecendo no Brasil, onde espero continuar a proporcionar entusiasmo e entendimento aos jovens, os quais seriam menos auxiliados por um trabalho mais atualizado e equilibrado. *Cambridge University Press*, satisfeita com a venda de *Why?*, de tempos em tempos pede-me uma edição revisada – mais isso distorce totalmente a natureza do livro.

Quanto a *Representing and Intervening*, foi um manifesto a favor do estudo da ciência experimental e, a esse respeito, é hoje completamente desnecessário. Ele continua a ser lido devido à paixão e ao prazer com que foi escrito, por volta de 1980, mais uma vez, em grande parte, de palestras proferidas, naquele momento, em Stanford. Não posso me imaginar escrevendo qualquer coisa parecida, agora.

Há alguma coisa de que me arrependa ao escrever qualquer um desses dois livros? Detalhes sem importância, embora eu, certamente, não volte atrás para lê-los com muita atenção; para mim, eles existem antes na memória do que na página. O que devo fazer, em breve, é mostrar como meu ‘argumento experimental em prol do realismo científico’ (também chamado ‘realismo de entidade’) é inteiramente consistente com meu artigo *The Self-Vindication of the Laboratory Sciences* (por

volta de 1990), publicado na coleção de Andy Pickering, de 1991, *Science as Practice and Culture*. A maioria dos filósofos não pode ver como os dois estão entrelaçados e tenho que corrigir isso.

Anna Carolina – *Como a História da Ciência se enquadra em sua Filosofia da Ciência?*

Ian Hacking – Como a História da Ciência se enquadra em minha Filosofia da Ciência? Não penso que *Emergence, Taming, Rewriting the Soul*, ou *Mad Travelers* contem como ‘filosofia da ciência’. Antes, penso que não contem. Mas certamente dizem respeito às ciências. Todos os quatro livros são, em parte, contribuições ao que Michel Foucault chamou arqueologia, da qual a história é uma parte. Mas o projeto principal é o que ele chamou de ‘história do presente’.

Anna Carolina – *Como você vê a si mesmo: é um construcionista social ou não? A sua pontuação de 2, 4, 3*** parece dar uma certa vantagem a seu lado construcionista. Está correto?*

Ian Hacking – Sou ou não sou um construcionista social? (ouço você e outros pensando, ‘Que se dane! Você é um reconstrucionista social!’). Como posso explicar mais claramente do que o fiz no livro que não vejo muita utilidade nesse rótulo? Natureza, pessoas, sociedade são complexas. Por que devo eu ser tão simples a ponto de que alguém possa me taxar como este ou aquele ‘-ista’?

Aprendo com pessoas que se identificam como construcionistas sociais e aprendo de dedicados realistas (ainda penso que meu argumento experimental a favor do realismo científico é um bom argumento). Na sua resenha de *Mad Travelers* para TLS, Louis Sass diz que tento com dificuldade separar minhas visões (sobre doença mental) das dos construcionistas. Certo – mas note que eu estava falando apenas sobre o que chamo de doenças mentais transitórias, que ocorrem apenas em um dado tempo e lugar (a anorexia seria um exemplo). As idéias de construção social são, para mim, muito mais apropriadas para anorexia do que as da biopsiquiatria genética. David Bloor, o originário sociólogo do conhecimento científico de Edinburgh, resenhou *The Social Construction of What?* para o *Canadian Journal of Philosophy*; ele conclui que sou um racionalista do Iluminismo, não reconstruído (à base do que eu disse sobre Sahlins / Obneyeskerere). Você julga que minha auto-avaliação no Capítulo 3 coloca-me levemente do lado do construcionismo. Bem, eu disse o que disse e deixo aos leitores formarem sua própria opinião. Eu esperava que *What?* encorajasse as pessoas a pensarem por si mesmas, mas não fui inteiramente bem-sucedido. Obtive uma boa porção de respostas do tipo reflexo patelar. Mas como, além disso, ainda que escreva peças ocasionais, como o livro em discussão, as escrevo não para curto, mas para médio prazo, ainda há esperança!

Anna Carolina – *Na sua visão, quais, se há algum, são os problemas enfrentados pela agenda tradicional da Filosofia da Ciência?*

***Conforme o Capítulo 3, de *The Social Construction of What?*, resenhado na edição n. 9 de *Episteme*.

Ian Hacking – Quais são os problemas com a agenda tradicional da Filosofia da Ciência? Penso que os filósofos norte-americanos da ciência e, conseqüentemente, muitos que, noutros lugares, sentem-se sob a hegemonia norte-americana, levam os alemães a sério demais. Ainda estão tomados pela idéia de que uma discussão do significado e da referência ajuda a elucidar as ciências. Os ingleses deveriam ter prospectos melhores porque, nas loterias da imigração, ganharam os anárquicos, selvagens, brilhantes, divertidos e perturbadores refugiados do império austro-húngaro – Popper, Lakatos, Feyerabend, Neurath – todos eles, incluindo mesmo o último mencionado, em minha opinião, concluíram que o estudo dos significados não iluminava as ciências. Ainda que, certamente, aquele austríaco maior, Wittgenstein, ensinasse em que medida os significados são de interesse, quantos ‘filósofos da ciência’ leram e refletiram sobre o trabalho mais recente de Ludwig Wittgenstein?

Anna Carolina – Poderia nos contar um pouco mais sobre as influências de Wittgenstein e Foucault em você?

Ian Hacking – Influência de Foucault e Wittgenstein. Michel Foucault é muitas coisas para muitas pessoas, em parte porque nós vivemos muitas vidas. Encontrava-me com ele de tempos em tempos e sempre o encontrava extremamente generoso. O Foucault que eu via era um humanista com poderes e engenhosidade extraordinários, que vivia uma vida bastante ordinária (lembro-me dele cozinhando uma caçarola de nozes para nosso jantar no seu apartamento na Rue Vaugirard). Ele viveu muitas outras vidas que apenas vi rápida e ocasionalmente e que eram vividas em mundos totalmente desconhecidos para mim.

Primeiro li *Madness in the Age of Reason* – uma abreviação imperfeita do livro em francês – porque meu amigo André Gombay me deu um exemplar quando estávamos lecionando em Uganda. Isso deve ter sido em 1968. Deve ter causado um grande impacto em mim, mas o livro que realmente prendeu minha imaginação foi *Les Mots et les choses*. Anteriormente, eu não tinha interesse em trazer à minha filosofia qualquer dimensão histórica. Flertava com Leibniz porque me sentia fascinado pelas suas idéias e ambições enciclopédicas. Talvez eu sentisse a mesma simpatia pelo homem que Bertrand Russell deve ter sentido quando proferiu suas brilhantes palestras sobre Leibniz em 1900. Eu tinha o devaneio, realizado por alguns anos, de escrever um *paper* sobre Leibniz todos os anos – o *paper* trataria de um problema que Leibniz haveria tratado em sua vida, na mesma idade que eu teria quando o estivesse escrevendo. Aquele trabalho fora, como quase todos os estudos leibnizianos realizados tanto àquela época como hoje, totalmente a-histórico, quase anti-histórico. Como a maioria dos filósofos analíticos de então e de agora, nunca me ocorrera que o contexto pudesse ter a menor relevância à filosofia. Certamente, dever-se-ia saber quais os problemas na filosofia técnica estavam sendo discutidos ao tempo em que Leibniz escreveu, mas isso era tudo.

Les Mots et les choses mudou isso tudo para mim. Quando voltei ao Ocidente e comecei a lecionar em Cambridge, ofereço, por exemplo, um curso sobre Leibniz do qual ainda possuo as anotações – oito capítulos densos e, penso eu, ainda

interessantes, cada um correspondendo a uma semana de aulas. Mas eu começava a pensar de um modo fortemente influenciado por Foucault. O primeiro resultado publicado foi minha conferência dada à Academia Britânica em 1973, ‘Leibniz and Descartes: Proof and Eternal Truths’. Sua sentença final, apocalíptica, expressa o primeiro fluxo de entusiasmo, uma mistura alegre, ou mesmo adolescente, de Foucault e Wittgenstein. Divertiu-me, quando essa peça foi publicada na Alemanha, o tradutor me escrever, freneticamente perguntando: “o que é um *flybottle*? Não posso achar essa palavra no meu dicionário!” *Why Does language Matter to philosophy?* e *The Emergence of Probability* foram ambos publicados em 1975. É óbvio que ambos os livros foram escritos por alguém que, para o melhor ou para o pior, havia lido *Les Mots et les choses*.

Quando deixei Cambridge, em 1975, dei uma espécie de palestra minguada no Clube de Ciências Morais, chamada ‘One Way to Do Philosophy’, na qual argumentei que toda uma classe de problemas filosóficos resultavam de uma memória quase consciente de esquemas conceituais prévios. Uma nova configuração de idéias era criada no curso de uma ruptura com uma configuração precedente e os problemas filosóficos embutidos nessa nova organização, dos quais parecia que não se poderia escapar, eram, de fato, detritos de uma família de idéias precedente. O artigo (*paper*) sobre Descartes e Leibniz fora uma primeira tentativa a respeito dessa noção bizarra. Veja que eu ainda penso em tal projeto em termos de análise filosófica. Mas não é mais uma análise de conceitos tomados abstrata e atemporalmente. Ao invés disso, para mim, um conceito é uma palavra situada e as situações em que se encontra incluem não apenas sentenças que podemos gramática e inteligivelmente pronunciar agora, mas também sentenças que ocorreram no passado, bem como as situações em que foram pronunciadas, por quem e com que autoridade – situações (*sites*) no entendimento mais generoso dessa noção. Algo do aparato da *Archaeology of Knowledge* de Foucault estava implícito aí, mas nunca achei muito satisfatórios os esforços do próprio Foucault para dizer o que ele estava fazendo.

Obviamente, há muitas outras coisas que peguei de Foucault ao longo dos anos, mas a idéia da ‘arqueologia’ – antes que a do que ele chamou ‘genealogia’ – foi o que me pegou em primeiro lugar. Isso significa que sou muito mais conservador do que os leitores mais jovens de Foucault.

Devo, contrastando com o que acabei de dizer, falar pouco sobre Wittgenstein. Fui influenciado por Wittgenstein não porque tenha freqüentado cursos sobre ele. Ele estava no ar. Os primeiros filósofos que encontrei haviam todos lhe conhecido bem, mas não ‘ensinavam’ Wittgenstein, nem mesmo sugeriam que eu o lesse. Simplesmente, lê-lo era o que os jovens faziam. Assim, não há nada de que eu possa me lembrar sobre o que adquiri de Wittgenstein. Para mim, trata-se apenas de um modo de pensar e não tenho nada a dizer em termos de alguma generalidade. Quase que a única coisa que publiquei sobre o último livro de Ludwig Wittgenstein é um texto sobre sua psicologia filosófica, o qual apareceu no *New York Review of Books* (onde também

apareceu um dos meus poucos textos sobre Foucault; comentários, sempre os escrevi para o editor).

Anna Carolina – *Quais são os seus planos filosóficos no momento? A que tipo de questões em particular você vai dirigir sua atenção?*

Ian Hacking – Quais são meus planos filosóficos, no momento? Primeiro, completar o trabalho a que me referi ao responder sua segunda questão. Esse trabalho começou com uma palestra intitulada ‘Making Up People’ proferida em 1983 e publicada em *Reconstructing Individualism*, editado por Tom Heller, em 1987. O outro projeto vai saldar minhas notas promissórias sobre estilos de raciocínio, projeto que começou com ‘Language, Truth, and Reason’, escrito em 1981 e publicado em *Rationality and Relativism*, editado por Martin Hollis e Steven Lukes, em 1982. Você verá que meu trabalho, se alguma vez for concluído, é, definitivamente, para *longue durée* (longa duração). Na discussão que levou à criação de uma cátedra para mim no Collège de France, ficou claro que esses seriam os tópicos com que eu me ocuparia nos próximos anos.

Anna Carolina – *Muito obrigada, professor Hacking!*